

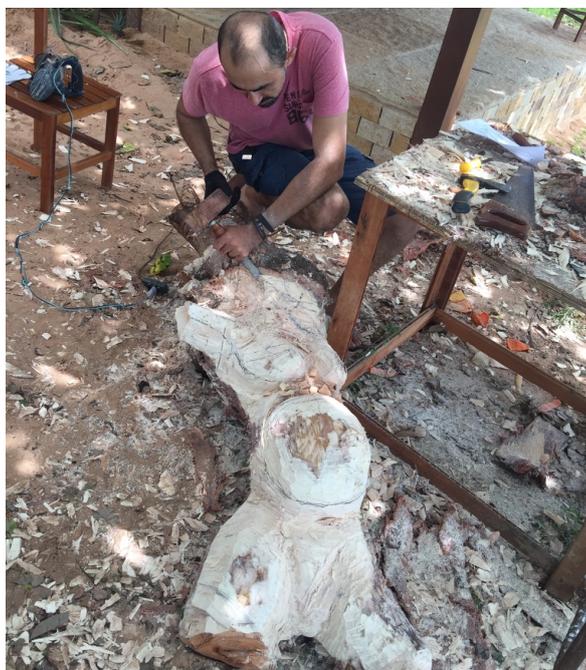
Jericoacoara, 2016 - o projeto da Casa Ankh Jeri estava pronto e aprovado. O terreno onde ia ser implantada, no entanto, precisava ser preparado. Nele havia um frondoso cajueiro, onde brincavam crianças pequenas e o gato Jhery. Era uma árvore com uns 15 anos e tinha um porte bastante avantajado. Mas era preciso sacrificá-la para que a área que ocupava fosse limpa e as escavações começassem.

Antes de iniciar o retalhamento de galhos e troncos do frondoso cajueiro, observei com mais atenção sua forma esparramada de ser. Realmente, não havia salvação para ele. Ou a Casa ou o cajueiro. O coração ficou apertado e imaginei uma forma de compensar aquela árvore pelo sacrifício que estava prestes a acontecer. Sacro ofício: esta é a raiz da palavra. Mas o que fazer? Como compensar um ser vivo se a sua morte é inevitável. Isso ficou martelando em minha mente.

Dias depois, não havia mais cajueiro, somente os seus galhos e troncos mais grossos que não puderam ser retirados imediatamente estavam jogados em um canto qualquer, esperando serem recolhidos e embarcados para longe.

Então me veio a mente uma ideia: vou escolher um tronco dos mais grossos para dele fazer uma escultura que possa ser representativa da transformação e até conviver com a Casa Ankh, a ser construída. Chamei Miguel de Paula, conceituado artista cearense, para escolhermos o tronco que subsistiria à drástica e fatal poda e que se transformaria em um ícone dessa transformação.

Miguel de Paula tem uma rara sensibilidade para enxergar o íntimo das naturezas mortas e nelas ver vida a ser criada. Separou um tronco grande e retorcido e viu nele uma mulher grávida com um coração que lhe saia da cabeça... a metáfora perfeita para a transformação: o cajueiro morto que se oferece com a vida em gestação, pleno conflito entre razão e emoção. Aprovei a ideia e Miguel de Paula colocou mãos à obra. Depois de alguns dias de extrema dedicação e exercício de rara sensibilidade para lidar com formas e cores, eis que fica pronta a escultura oriunda do finado cajueiro. "Gaia" segundo Miguel ou "Gaya", simplesmente. Gaya então é o link entre o cajueiro vivo que precisou morrer e a Casa Ankh que subia rápido ganhando vida e ocupando o espaço do cajueiro sacrificado.



Miguel de Paula e a obra de arte

E, semanas depois de iniciada, cumprindo todas as etapas, a escultura ganha forma definida.



Etapas de uma metamorfose

O tempo passa... e Gaya sofre os primeiros ataques de cupins e outros insetos que carcomem a frágil madeira de cajueiro. Algo precisa ser feito. Algo que impeça os insetos de desejarem comer Gaya... mas, o que? Depois de conversar com especialistas chegamos à conclusão de que precisávamos salgar Gaya. Salgada, ela não seria objeto de desejo dos insetos. Então vamos levar Gaya ao mar, mergulhar totalmente seu corpo de madeira nas águas do mar, deixá-la alguns dias afogando-se e aos insetos até que esteja imune e prevenida contra eles.

A primeira tentativa de salgar Gaya foi feita na Praia da Malhada e a segunda e última também. Em ambas Gaya se libertou rapidamente das cordas que a ancoravam no fundo do mar, como se a própria escultura se afogasse junto com os insetos que a atacavam... Da primeira vez que a abandonamos próximo à costa ela gentilmente retornou e a encontramos jogada pelas ondas da maré cheia nas areias próximas às piscinas naturais da Malhada. Levamos Gaya de volta para casa. Da segunda vez, pareceu não concordar com nossa vontade de imunizá-la e simplesmente não foi mais encontrada no fundo do mar, boiando próximo à costa ou jogada nas areias das praias próximas: Gaya desgarrou-se e viajou pelo Oceano Atlântico em rumo ignorado.

Mas não podemos deixar Gaya ir embora... ela representa uma transição, uma transformação, ela é um símbolo e não podemos deixar esse símbolo simplesmente desaparecer sem fazer algum esforço para recuperá-lo... temos que sair pelo litoral, no rumo do movimento das águas do mar, pois o vento, as ondas e o movimento natural do mar a levaram mar “abaixo”, a oeste.

Saímos eu, Renata e Miguel, dia 30 de junho de 2017 em busca de Gaya. Sempre pelas praias, passamos pelo Mangue Seco, ninguém avistara Gaya, sequer os Cavalos Marinhos balbuciam alguma esperança. No Guriú tampouco. Na Tatajuba, uma pista: um pescador e sua equipe de pesca a viram mar afora em sua canoa, enrolada na bandeira que sinalizava o local onde estava afundada na praia da Malhada, mas ao tocá-la e a girar deparam-se com a figura da criança não nascida e esses pescadores entenderam ser aquela escultura uma oferenda a São Pedro e, em respeito ao Santo, deixaram-na ir embora na sua viagem sem rumo.

Não se teve notícia de Gaya por um bom tempo. Já a dávamos por uma peça perdida e consolávamo-nos com a esperança de que alguém a tivesse achado em uma praia qualquer e dela cuidasse... e Miguel de Paula apareceu repentinamente trazendo inusitada informação.

BarraGrandeNews, uma publicação midiática com notícias do paraíso ecológico do Piauí, trazia entre outras, matéria a respeito de uma “Grande escultura encontrada no mar de Barra Grande”. Dizia a matéria: *“Três pescadores de Barra Grande – Dedé, Djail e Damiro – estavam pescando quando viram algo boiando na água. Eles chegaram a pensar que era uma pessoa, mas, ao chegar perto, perceberam que se tratava de uma escultura de madeira. E enorme. Eles puxaram, colocaram dentro da canoa e levaram pra casa do pescador Dedé, onde tem despertado a curiosidade. Muita gente quer conferir de perto e fotografar. A escultura de uma mulher grávida, que leva seu coração, enorme, na cabeça, tem algumas marcas e precisa de reparos, mas está sendo considerada uma preciosidade”*.



Dedé e Djail



popular em visita a Gaya

Nesta publicação, que pode ser conferida em <https://barragrandenews.com.br/grande-escultura-e-encontrada-no-mar-de-barra-grande/> algumas pessoas se pronunciaram em relação ao achado, como vemos a seguir:

Maxwell Penkowsky | 04/09/2018 at 18:27 |

*Essa escultura de madeira desprende-se de um ferro (âncora) em que estava presa no mar, onde foi deixada pelo seu proprietário por uma noite para salinizar a madeira, infestada de cupins e outros insetos. Ela tem um significado especial, pois a escultura foi feita por um conceituado artista cearense, Miguel de Paula, durante várias semanas, com o tronco de um cajueiro retirado da terra onde se ergueu uma casa e ela representa a transformação (morre o grão, nasce o pão – morre um cajueiro e nasce um abrigo) e também o novo: o feto à vista em seu ventre é uma nova vida, dada pela mãe natureza, que é solidária e amorosa. A escultura não foi descartada, mas extraviada, a contra gosto de seu dono e a ele deve ser devolvida, pois é o legítimo dono. Achado não é roubado, mas não devolver o objeto encontrado é crime de qualquer maneira. Apropriação de coisa havida por erro, caso fortuito ou força da natureza Art. 169 – Apropriar-se alguém de coisa alheia vinda ao seu poder por erro, caso fortuito ou força da natureza: Pena – detenção, de um mês a um ano, ou multa. Portanto, o melhor a fazer é colocar o achado à disposição de seu legítimo proprietário ou entregar na Delegacia de Polícia para se livrar do flagrante de delito”.*

Rosângela Bueno | [13/07/2018 at 08:16](#) |

*"O coração na cabeça é a consciência da mulher, para que evite uma gestação antes, porque depois do ato sem prevenção, já existe uma vida ali.....pedindo proteção".*

Joaquim Oliveira | [10/07/2018 at 14:13](#) |

*"Não será a mãe do Cabeça de Cuia?!"*

Um dia, tempos depois, Miguel foi a Barra Grande e procurou localizar Gaya e a casa de Dedé. Avisaram antes ao pescador que havia alguém de fora procurando pela escultura e Miguel foi recepcionado por um grupo de pessoas, entre eles Dedé, que demonstraram receio e preocupação com a curiosidade de alguém que vinha de fora perguntando pela imagem. Miguel já havia tatuado Gaya no alto de um de seus braços e deixou a tatuagem à mostra para quantos quisessem ver, o que causou espécie em todos do grupo local e uma justa preocupação com a razão da visita.

O grupo levou Miguel até onde estava a escultura, local seguro e protegido, demonstrando um cuidado especial com a imagem e Dedé contou a Miguel que a escultura já era tratada como uma santa vinda do mar, que passou a receber visitas com cada vez maior frequência de populares e até alguma pequena romaria ou visita de fiéis religiosos em busca de algum milagre. Mulheres com dificuldade para engravidar acariciavam o nascituro no ventre da escultura à mostra, acreditando que o ato aproveitaria a elas mesmas e que seriam contempladas com a gravidez desejada.

O autor da obra de arte viu logo que o tempo de ancoragem e a viagem longínqua de Gaya tinham avariado bastante a obra, cuja cabeça estava bem machucada e um dos olhos, fragilizados pelo cupim de longa data, não havia resistido às pancadas do mar entre as pedras onde havia ficado originalmente na praia da Malhada, em Jericoacoara. Mas entendeu que tais avarias não mudavam em nada a admiração e a adoração do grupo por Gaya... ou melhor, pela santa.

Miguel sentiu que não resgataria facilmente a escultura, despediu-se e veio me visitar para saber o que eu pensava de tudo isso. Como proprietário da obra de arte eu tenho o direito de ir buscar a escultura, ainda que tenha que pagar pelo resgate, o que é justo para ambas as partes. Mas a história desse tronco de cajueiro extrapolou todas as expectativas que tínhamos, mesmo depois que ele se transformou em uma obra de arte, levando-nos a considerar a pertinência de fazer o resgate.

Afinal, o cajueiro se transformou pelo meu desejo e pelas mãos do artista em uma escultura com um significado metafórico fantástico; esta se transformou em uma obra de arte refinada e, finalmente, o acaso levou-a a uma viagem de nova transformação, agora superando o estágio material e insinuando-se fortemente na esfera do espiritual. Quem poderia supor tão portentosa viagem, desde uma árvore viva até um símbolo com significado espiritual?

Não. Decididamente, não vou resgatá-la. O cajueiro vivo, o tronco, a imagem concebida, a obra de arte criada, a viagem empreendida, o achamento no mar, a crença no além, a devoção espiritualizada, são etapas de uma transformação que foi além de qualquer imaginação. Gaya se alforriou e ganhou vida própria. Não está mais no mesmo nível de vínculo. Ascendeu. Não consigo imaginá-la voltando no espaço e no tempo. Ela tem outra missão, dada a si pelo acaso. Quem sou eu para interferir e violar essa viagem própria de Gaya para expô-la à simples curiosidade alheia? Nego-me. Quem quiser que vá a praia de Barra Grande, no Piauí, procure o Dedé e diga-lhe que o Giba manda um abraço, de pescador para pescador, com votos de boas pescarias. E que ele cuide bem de Gaya... ou da Santa em que ela se transformou.

A Casa Ankh Jeri foi erguida no antigo espaço em que se esparramava o cajueiro... e um painel na fachada lateral, concebido em parceria e executado por Miguel de Paula, reproduz uma viagem no tempo desde que Jericoacoara era uma vila de pescadores, isolada do mundo, apresentando em alto relevo os ícones que a identificam: o Sol intenso e o Vento ligeiro; a Pedra Furada, ícone maior; o Farol, no topo do Serrote Grande, que orienta os navegantes (e os náufragos como eu já fui e dele precisei); as Canoas à Vela dos pescadores artesanais e as Redes que balançam sob os cajueiros; o Camurupim, peixe grande, valente e lutador, que visita o imaginário guerreiro dos antigos e novos pescadores; a Tartaruga, símbolo da longevidade de Jeri; o Carcará, ave de rapina dominante dos campos entre as dunas móveis; o Pescador, com sua tarrafa e seus pescados... e, como não poderia deixar de ser, o CAJU e o CAJUEIRO, personagens ímpares nessa viagem no tempo, que permitiram a sobrevivência do corpo (com o caju alimento) e da alma dos moradores dessa vila (com as histórias e estórias vivas transmitidas pela tradição oral à sombra dos cajueiros).

Foi preciso o sacrifício de muitos cajueiros como esse para abrir espaço e transformar uma vila de pescadores perdida nos rincões mais isolados do planeta na vila turística que Jericoacoara é hoje... mas nem todos tiveram um fim digno de uma crônica e a maioria virou carvão e cinza em caieiras distantes.



A Casa Ankh cresceu, tomou forma e ficou bem na foto.  
E o meu cajueiro, hem?! Quem diria, virou santa...